

# DESAFIOS, LIMITES E POSSIBILIDADES DA REDE DE PESQUISADORES EM TELEJORNALISMO

Copyright © 2011  
SBPJor / Sociedade  
Brasileira de Pesquisa  
em Jornalismo

FLÁVIO ANTÔNIO CAMARGO PORCELLO  
*Universidade Federal do Rio Grande do Sul*

**RESUMO** O presente artigo propõe uma reflexão teórica sobre os desafios, limites e possibilidades das pesquisas em rede, com ênfase no caso da Rede de Pesquisadores em Telejornalismo da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor). Além de um breve histórico sobre os anos de existência da rede, abordaremos aqui as publicações já realizadas, a evolução das pesquisas empíricas, os rumos adotados e também os planos futuros para ampliação, em quantidade e qualidade, dos compromissos assumidos. A interação entre teoria e prática sempre foi um marco fundamental na trajetória do grupo, constituído por professores que tiveram atuação profissional em emissoras de televisão. A TV entra na vida das pessoas e não pode ser vista como simples suporte de comunicação eletrônica. O Telejornalismo é um campo interdisciplinar que deve ser estudado em seus aspectos discursivos e enunciativos. Neste artigo serão trazidas algumas contribuições teóricas de autores como Castells, Bauman, Chauradeau, Thompson, Gomes e Mattos, entre outros, para ajudar a iluminar esse percurso e estimular a ampliação do debate teórico proposto.

**Palavras-chave:** Rede. Telejornalismo. Televisão. Cotidiano. Pesquisa.

## INTRODUÇÃO

Uma síntese dos ideais que movem os integrantes da Rede de Pesquisadores em Telejornalismo da SBPJor já está logo na introdução do primeiro livro lançado pelo grupo em 2006. “O telejornalismo ocupa hoje um lugar central na vida dos brasileiros”, diz a introdução de *Telejornalismo: a nova praça pública* (Editora Insular, 2006), e acrescenta acentuando que “os telejornais são hoje a principal fonte de informação da sociedade brasileira: mais barata, mais cômoda e de fácil acesso”. Por essa razão o telejornalismo deveria ser estudado de forma intensa e aprofundada e, como já dizíamos naqueles tempos iniciais: “A Rede de Pesquisa em Telejornalismo vinculada a SBPJor não se esgota neste livro e nem está limitada apenas aos autores que nele escrevem. Este foi

apenas o primeiro de muitos passos que já demos e ainda deveremos dar em direção ao aprofundamento da pesquisa acadêmica para uma melhor qualidade do ensino e prática do telejornalismo”. O primeiro livro era basicamente uma coletânea de nossas teses de doutoramento com o complemento das experiências e práticas profissionais dos integrantes do grupo. Foi o suficiente para nos trazer até ali e apenas o ponto de partida para as etapas seguintes.

Cinco anos, diversos congressos, artigos, livros, muitas teses e dissertações. Em 2011, o compromisso do nosso grupo continua firme, embora os desafios tenham aumentado e a importância da televisão na vida de toda a sociedade também. Na apresentação de *Telejornalismo: a nova praça pública*, o então presidente da SBPJOR, Elias Machado, destacava a iniciativa das redes de pesquisa assinalando que:

Cada uma destas articulações, que congrega colegas de diversas instituições brasileiras e estrangeiras apresenta um conjunto diversificado de ações, que vão desde a organização de mesas coordenadas nos congressos anuais, publicação de livros e redação conjunta de artigos científicos entre seus membros, até o desenvolvimento de pesquisas comparadas sobre temáticas específicas (MACHADO, 2006).

Meditsch, comentando a iniciativa da referida publicação, observou que:

Apesar de seu presumido imenso impacto sobre a sociedade, o telejornalismo ainda é muito pouco estudado, e em consequência pouco conhecido. Por ser tão público, não há quem não tenha sobre ele uma opinião, geralmente carregada de preconceito. Mas poucos se dão ao trabalho de uma pesquisa realmente científica sobre um dos mais importantes fenômenos no mundo contemporâneo, ou possuem a qualificação exigida para tanto (MEDITSCH, 2006).

A reflexão proposta alguns anos antes por Castells ajudou a iluminar os passos iniciais de organização da Rede de Telejornalismo e a definir seus primeiros compromissos. Ele dizia que “Cada vez mais as pessoas organizam seus significados não em torno do que fazem, mas com base no que elas são ou acreditam que são”. E complementou afirmando que, enquanto isso, as redes globais de intercâmbios instrumentais conectam e desconectam indivíduos, grupos, regiões e até países, de acordo com sua pertinência na realização dos objetivos processados na rede, “em um fluxo contínuo de decisões estratégicas”. E enfatizou: “Nossas sociedades estão cada vez mais estruturadas em uma oposição bipolar entre a Rede e o Ser” (CASTELLS, 1999).

Como tendência histórica, as funções e os processos dominantes na Era da Informação estão cada vez mais organizados em torno de Redes, que constituem a nova morfologia social de

nossas sociedades, a difusão lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos de experiência, poder e cultura (CASTELLS, 1999).

Outros autores, clássicos ou modernos, também se constituíram em matrizes teóricas de nossos primeiros passos na constituição da rede. Aqui podemos destacar dois: Patrick Chauradeau e John B. Thompson. Do primeiro, além dos conceitos de contrato de comunicação e estratégica e gêneros informativos, destacaríamos aqui o subjetivismo das atividades comunicacionais: “Relatar e comentar acontecimentos é uma atividade impregnada de subjetividades”, diz o autor (2007), enfatizando que:

Para contar os acontecimentos as mídias selecionam em função de três critérios: tempo, espaço e acidente. Tempo: um acontecimento deve ser convertido o mais depressa possível em notícia; Espaço: antagonismo entre “Aldeia” e “Planeta”; e Acidente: “insólito” que desafia as normas da lógica (CHAURAUDEAU, 2007).

Para o autor, uma vez selecionados os acontecimentos, as mídias os relatam de acordo com um *roteiro dramatizante*, que consiste, como vimos a respeito do 11 de Setembro de 2001, em:

(1) mostrar a desordem social com suas vítimas e seus perseguidores; (2) apelar para a reparação do mal, interpelando os responsáveis por esse mundo; (3) anunciar a intervenção de um salvador, herói singular ou coletivo com o qual cada um pode identificar-se. Dependendo do momento em que o acontecimento é apreendido, a insistência recairá mais sobre as vítimas, ou mais sobre os perseguidores, ou sobre o salvador (CHAURAUDEAU, 2007).

Exatamente da forma como a TV conta e reconta suas histórias, como mostra e reproduz os acontecimentos sociais com os temperos dramáticos escolhidos para cada caso ou situação.

Do segundo autor, John B. Thompson, é relevante trazeremos a referência sobre os espaços público e privado: “Com a mídia, público e privado adquiriram novo sentido. Público é o que pode ser alcançado pelo olho da mídia, ao transmitir um evento a milhões de pessoas, distante no espaço e afastados no tempo. Político agora é o virtual” (THOMPSON, 2002). Da mesma forma, alguém consegue imaginar um escândalo político que não tenha tido repercussão depois de imagens constrangedoras de corrupção, suborno e falsidades ideológicas? Há escândalos que só foram midiaticizados justamente porque ocorreram diante de câmeras de TV, escondidas ou não.

### **Breve histórico**

Nas duas primeiras edições do Encontro Brasileiro de Pesquisadores em Jornalismo, em 2003 na Universidade de Brasília e em 2004 na Universidade Federal da Bahia, os pesquisadores do grupo já apresentavam trabalhos sobre telejornalismo. Em 2003, na UnB, foram apresentados, em comunicações individuais, quatro trabalhos<sup>1</sup>. Já neste primeiro encontro surgiu a ideia de construir a rede por sugestão de Beatriz Becker aos demais participantes.

No ano seguinte, 2004, na UFBA, os debates se deram em torno de 10 trabalhos em comunicações individuais<sup>2</sup>. A participação nestes encontros e as discussões com colegas pesquisadores encaminharam a proposta para a apresentação de uma comunicação coordenada sobre telejornalismo no congresso seguinte. Foi o que aconteceu: em 2005, na Universidade Federal de Santa Catarina, em Florianópolis (SC), quando foi realizada a mesa “Telejornalismo: diálogos teóricos”, organizada por Iluska Coutinho<sup>3</sup>. Tendo como tema central o telejornalismo como lugar onde os grandes temas nacionais ganham visibilidade, convertendo o exercício de publicização dos fatos com a possibilidade prática da democracia, a mesa propôs uma reflexão sobre o campo do jornalismo de TV como um lugar de construções simbólicas de fundamental importância para a compreensão da produção, circulação e consumo de sentidos da sociedade. Também foram discutidos temas relevantes como o telejornalismo no cotidiano sendo um lugar de segurança, as questões ligadas à comunicação persuasiva e sua influência no discurso da TV, transformando-se em prática de mediação discursiva. As discussões foram tão produtivas e os debates tão entusiasmados que a comunicação coordenada e as individuais revelaram-se insuficientes para esgotar os temas. Ao contrário, o intenso e vigoroso debate serviu para mostrar o enorme desafio que se apresentava: era necessário aprofundar a pesquisa em telejornalismo e a melhor maneira de ampliar os horizontes seria a interlocução contínua e permanente entre os pesquisadores. Assim nasceu a concepção da Rede de Pesquisadores em Telejornalismo da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. E já foi concebida com missões específicas, como a de lançar a cada encontro da SBPJor livros sobre telejornalismo capazes de contribuir com a qualificação do ensino, suprimindo a carência de publicações sobre o tema.

Em 2006, no IV Encontro na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com a criação oficial da Rede, o compromisso de publicar anualmente foi cumprido com o lançamento do primeiro livro: *Telejornalismo: a nova praça pública* (Editora Insular: Florianópolis, 2006). Foi resultado das pesquisas realizadas entre um congresso e

outro e já serviu como motivação para agregar novos pesquisadores ao grupo. O avanço das pesquisas pode ser medido pela qualidade dos debates promovidos na comunicação coordenada<sup>4</sup> realizada em Porto Alegre (RS), que foi organizada por Iluska Coutinho e teve o mesmo título do livro lançado. Na ocasião discutiu-se a centralidade do telejornalismo que cumpre a função de sistematizar, organizar, classificar e hierarquizar a realidade, transformando-se no lugar em que os grandes temas sociais ganham visibilidade. Todo esse processo se produz num campo complexo de construção, desconstrução, significação e ressignificação de sentidos. Na ementa que resumiu os trabalhos apresentados dizia-se que dando continuidade às pesquisas realizadas nos anteriores, considerava-se que a reflexão sobre o campo do telejornalismo como um lugar de construções simbólicas é uma iniciativa de fundamental importância por sua influência na organização social através da informação. A ementa da comunicação coordenada também dizia que a reflexão sobre o campo do telejornalismo, seus processos, métodos e estratégias tem significativa ingerência na vida em sociedade por sua relevância, significado e eficácia para a compreensão dos hábitos, costumes e modos de vida nas sociedades democráticas.

No congresso seguinte, o V SBPJOR, em 2007, na Universidade Federal de Sergipe, em Aracaju (SE), o aprofundamento das pesquisas ampliou a rede e houve a necessidade de duas comunicações coordenadas para apresentar os trabalhos<sup>5</sup>. Foram debatidas questões como o lugar de referência do telejornalismo na vida em sociedade, sendo o telejornal uma espécie de praça pública onde circulam os temas que as pessoas discutem no dia a dia como antes acontecia na praça central, a Ágora da Grécia Antiga. Humor, ironia, emoção, foram apontados como alguns dos ingredientes utilizados pela TV na estratégia de fidelização do público, constituindo-se também em elementos adotados em maior ou menor escala na dramatização dos assuntos do cotidiano, contribuindo para a espetacularização do discurso. Outra questão predominante nos debates foi a contínua transição verificada com o impacto da chegada das novas tecnologias de comunicação e informação que impõe fatores que exigem constantes investigações e permanente aprimoramento intelectual por parte de quem pesquisa o tema. A comunicação coordenada procurou ainda contribuir para a epistemologia do telejornalismo, discutindo a função pedagógica, levantando temas, propondo reflexões e questionamentos que permitam a melhor compreensão da relação de poder que, cotidianamente, passa pelo que o telejornalismo mostra e pelo que deixa de mostrar.

As discussões temáticas e o avanço das pesquisas evoluíram para a elaboração do segundo livro: *A Sociedade do Telejornalismo* (Editora Vozes: Petrópolis, 2008), lançado no VI SBPJor, em 2008, na Universidade Metodista de São Paulo (Umesp), em São Bernardo do Campo (SP). Neste encontro, verificou-se uma ampliação ainda maior do alcance e da profundidade dos estudos, pois a rede reuniu 15 pesquisadores em telejornalismo que trouxeram a contribuição de suas pesquisas acadêmicas realizadas em vários estados do país<sup>6</sup>. A mesa “Telejornalismo e contemporaneidade” analisou os telejornais como instituições centrais na produção e circulação de representações que são tornadas públicas a cada edição e propôs uma reflexão sobre as tensões que marcam os fazeres telejornalísticos, seus tempos e eventuais alterações decorrentes das tecnologias digitais. Além das práticas e rotinas profissionais, constataram os debatedores, é fundamental investigar os discursos socialmente produzidos e veiculados pelos noticiários de TV, verificando como estes colocam em cena, legitimam e são legitimados por outras vozes e atores sociais. A mesa “Um lugar de referência” dedicou-se a examinar, entre outros aspectos, o fato de que nas sociedades contemporâneas, em particular no Brasil, o telejornalismo, mais do que o trabalho de mediação que desempenha, exerce a função de procurar contar, esclarecer, explicar e orientar a população sobre o mundo cada vez mais complexo em que vivemos. Foram observadas, também, questões relativas à construção de uma sintaxe da reportagem, examinando o modo como funcionam suas unidades constitutivas: *off*, sonoras, passagens, *stand ups*, áudio, imagens, arte, videografismo, recursos audiovisuais etc. A mesa discutiu ainda as sentenças condenatórias do telejornalismo, procurando aprofundar as discussões sobre a grande distância existente entre Imprensa e Justiça como um questionamento sobre os limites entre direito à informação e direito à privacidade.

No VII SBPJor, em 2009, realizado na Escola de Comunicação e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo, mais pesquisadores vieram para a rede, trazendo novos olhares, novas interpretações e maiores desafios ao grupo. Mas ali houve a decisão da rede de reunir as pesquisas em uma mesa coordenada para acertar o foco e direcionar melhor os próximos passos. Quisemos evitar assim um crescimento desordenado que se desse apenas pelo número de trabalhos apresentados. E o resultado foi plenamente alcançado com a realização da comunicação coordenada<sup>7</sup>. Nesta mesa predominou o debate sobre a transição da TV analógica para a digital, um aspecto técnico relevante, sem dúvida, mas que não tirou do telejornalismo seu papel central. Nossa proposta foi a de aprofundarmos

os estudos sobre as audiências para avaliarmos como elas se apropriam e ressignificam o processo de comunicação. Concluímos que os usos da TV digital têm na audiência interativa um dos pilares para que possamos compreender a participação solidária em um projeto coletivo de construção do conhecimento. O conceito de Jornalismo audiovisual foi inserido nos debates. E foi feita ainda uma profícua reflexão sobre os parâmetros de qualidade nas rotinas produtivas em função do valor político-social e cultural dos relatos jornalísticos nas novas relações com o tempo e o espaço vivenciados na contemporaneidade e também sobre os processos de hibridização de suportes e linguagens mediadas pelas tecnologias digitais. Os debates foram extremamente produtivos pela qualidade das pesquisas apresentadas e a evolução teórica da Rede materializou-se pelo lançamento de mais um livro: *40 anos de telejornalismo em rede nacional: Olhares críticos* (Editora Insular: Florianópolis, 2009)<sup>8</sup>.

O ano de 2010 marcava os 60 anos de telejornalismo no Brasil e esse foi o desafio que moveu os pesquisadores da Rede a avançarem no aprofundamento das questões referentes aos estudos em jornalismo de televisão. Assim, durante o VIII Encontro da SBPJor, na Universidade Federal do Maranhão, em São Luís, foi lançado o livro *60 anos de telejornalismo em rede nacional: História, Análise e Crítica* (Editora Insular: Florianópolis, 2010), que reuniu textos de 17 pesquisadores da rede<sup>9</sup>. E as discussões teóricas foram ainda mais produtivas nos debates realizados pelos autores e outros pesquisadores após a apresentação dos trabalhos reunidos na comunicação coordenada, “A TV aos 60 anos: Influência, Identidade e Discurso”. Na sala onde foram debatidos os trabalhos estavam reunidas mais de 40 pessoas que se envolveram em discussões muito pertinentes sobre temas como o de trabalhar com a noção de enquadramento no telejornalismo como base teórico-metodológica preocupada em identificar no discurso jornalístico as perspectivas para a construção de sentidos em linguagem verbal e não-verbal. Outro ponto muito debatido foi a hegemonia do discurso televisivo na conformação do mito da brasilidade evidenciada pela centralização nos modos de narrar o país. Analisaram-se ainda de forma qualitativa e quantitativa edições de telejornais de vários países em diversos continentes para identificar os que apresentam relatos mais contextualizados e inventivos ou percepções mais diversas dos acontecimentos.

Em 2011, no VIII Encontro da SBPJor, na Escola de Comunicação (ECO) da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a Rede multiplicou-se em tamanho e qualidade num sinal evidente do avanço qualitativo e quantitativo das pesquisas acadêmicas realizadas por seus membros.

Ao todo, neste congresso foram apresentados 25 trabalhos sobre telejornalismo em comunicações coordenadas (duas mesas, com um total de onze trabalhos) ou individuais (14 trabalhos)<sup>10</sup>. As duas comunicações coordenadas reuniram pesquisadores de 11 universidades públicas brasileiras que trouxeram importantes contribuições de suas regiões, de norte a sul do país, permitindo vários olhares e interpretações para o avanço dos estudos em telejornalismo.

É preciso ressaltar que o critério aqui adotado foi o de citar apenas os trabalhos apresentados pelos pesquisadores da Rede em congressos da SBPJor<sup>11</sup>. Naturalmente em outros seminários e congressos científicos também são apresentados trabalhos sobre o tema, provocando discussões, concordâncias e discordâncias, convergências e divergências que fazem a riqueza do debate acadêmico. Evidente também que ao longo destes anos de existência da Rede foi muito profícua a troca de experiências entre os pesquisadores, com debates e discussões altamente produtivas. O telejornalismo é um campo interdisciplinar e suas abordagens teóricas incluem linguagem verbal e não verbal, narrativa, discurso, espaços enunciativos e enunciadores, entre outras questões. Já avançamos bastante, mas ainda há muito por fazer.

Esse é o principal propósito da Rede de Pesquisadores em Telejornalismo: uma rede que se consolida pelos “olhares” que reúne. Pesquisadores atuantes, com produção contínua e presença constante nos congressos e publicações da área trazem aos encontros, aos debates e às publicações que deles derivam, suas importantes contribuições. O campo teórico deve avançar continuamente, mas nosso objeto de estudo – o telejornalismo – é um objeto móvel, dinâmico e versátil. E o “olhar dos pesquisadores” precisa estar atento às mudanças, acompanhando na velocidade exigida e com a precisão exata os movimentos da TV e seu público. A televisão interfere diretamente na vida das pessoas. É a Praça Pública desta Sociedade do Telejornalismo, como dissemos nas publicações citadas. E o papel social dos pesquisadores da área é o de estarem atentos às mudanças, sabendo antecipá-las e avaliarem o impacto que elas causarão às pessoas. Já fizemos muito nestes anos aqui brevemente resumidos pelo histórico dos encontros da SBPJor, mas ainda há muito mais por fazer. É o desafio que aceitamos e para o qual convidamos pesquisadores interessados em trazerem suas contribuições acadêmicas para nossa Rede de Pesquisadores em Telejornalismo.

O Regulamento das Redes de Pesquisa da SBPJor<sup>12</sup> deixa clara a disposição da entidade em contribuir para a profissionalização do campo jornalístico através da articulação de Redes Regionais, Nacionais e

Internacionais de Pesquisa. A direção da SBPJor, diz o documento, entende que na atual fase da pesquisa como atividade profissional e especializada, o lugar mais adequado para o desenvolvimento de trabalhos acadêmicos de alto nível são as Redes de Pesquisa que permitem a um só tempo a rica troca de experiências entre seus membros e a maximização de recursos humanos, de infraestrutura e financeiros. E enfatiza que:

Este regulamento, antes de representar um entrave para a criação das redes, pretende criar as condições institucionais para que elas possam cumprir com as suas funções de principal espaço acadêmico articulado pelos pesquisadores membros da SBPJor (MACHADO, 2006).

O regulamento, em seu Capítulo I, estabelece que as Redes de Pesquisa devem estar unidas em torno de uma temática para o desenvolvimento de projetos de pesquisa comuns e podem ser divididas em três tipos: Regionais, Nacionais e Internacionais, e devem ser coordenadas por um associado pleno, com sua anuidade em dia, e que terá um mandato de dois anos, podendo ser reconduzido ao cargo por igual período.

No Capítulo II o regulamento prevê que as Redes de Pesquisa devem estabelecer relação formal e permanente com as agências de apoio à ciência e tecnologia e à inovação no país, órgãos públicos e privados de apoio à pesquisa, devendo, no prazo de dois anos, ter ao menos um projeto de pesquisa aprovado pelo Conselho Científico da SBPJor e submetido às agências de fomento e outros órgãos financiadores. Entre outros compromissos, as Redes de Pesquisa devem obrigatoriamente apresentar ao menos uma proposta de Comunicação Coordenada nos encontros anuais, apresentar um relatório anual de suas atividades, reunir seus membros a cada encontro e manter um endereço na *web* a ser hospedado no portal da entidade. A nossa está estruturando sua página na internet ([www.telejornalismoemquestao.blogspot.com](http://www.telejornalismoemquestao.blogspot.com)) para, depois desta fase experimental, hospedá-la no endereço eletrônico da SBPJor.

Com as exigências formais atendidas, a Rede Internacional de Pesquisa em Telejornalismo foi constituída oficialmente no congresso nacional em Porto Alegre com dez integrantes: Flávio Porcello (UFRGS), como coordenador, Alfredo Vizeu e Yvana Fechine (UFPE), Aline Grego (Unicamp), Beatriz Becker (UFRJ), Célia Ladeira Mota (UnB), Christina Musse e Iluska Coutinho (UFJF), Sean Hagen (UFRGS) e como representante de universidade de outro país, João Carlos Ferreira Correa (Universidade da Beira Interior, de Covilhã, Portugal). Também participam de ações, discussões e debates pesquisadores de universidades de outros países, como Celeste Gonzáles de Bustamante, da University of Arizona School

of Journalism (Estados Unidos) e Lila Luchessi, da Universidad de Buenos Aires e Universidad Nacional de Rio Negro (Argentina), entre outros pesquisadores estrangeiros.

A publicação seguinte da Rede de Pesquisadores em Telejornalismo foi *A Sociedade do Telejornalismo*. O livro, organizado por Alfredo Vizeu, é uma coletânea de artigos de sete membros do grupo que trazem suas reflexões e análises sobre o telejornalismo na sociedade.

Em 2009, no livro *40 anos de Telejornalismo em Rede Nacional: olhares críticos*, os doze doutores destacados entre o grupo que constitui a Rede procuraram marcar, com a publicação, a data alusiva às quatro décadas de jornalismo de TV propondo uma reflexão profunda em seus olhares críticos. Os efeitos do telejornalismo em 40 anos, a influência das inovações tecnológicas e as interferências políticas, a transformação da linguagem e as novas perspectivas para os telejornais foram alguns dos temas tratados neste livro.

Em 2010, quando a TV no Brasil completava seis décadas, uma nova edição temática - reunindo 17 integrantes da Rede - trouxe nova contribuição ao assunto: *60 anos de Telejornalismo no Brasil: História, Análise e Crítica*. No prefácio, Marques de Melo enfatizou que “o mais impressionante neste exercício de resgate dos avanços e recuos desse segmento do jornalismo brasileiro é a atualidade que os autores demonstram frente ao panorama mundial”. E acrescentou:

Comparecem a essa coletânea alguns dos meus ex-alunos, espalhados pela vastidão deste país, problematizando o veículo, o gênero de expressão jornalística e o impacto social gerado dentro da nossa sociedade. Em consequência, asseguram uma compreensão da complexidade do fenômeno telejornalístico num país cuja população depende da TV para se informar e participar da Ágora mundializada (MELO, 2010).

E na introdução, Hohlfeldt observou que:

Na passagem dos 60 anos da presença/influência da televisão no Brasil, por que não reunir um punhado de reflexões a respeito de tal tecnologia? O resultado é esta coletânea. Melhor, esta antologia, no sentido de que, verdadeiramente, ela não é apenas a coleção de um conjunto de artigos de qualidade a respeito da televisão, mas ela é uma antologia no sentido de que faz um mapeamento de algumas discussões básicas: história, análise e crítica. Com ênfase num formato que é dos mais importantes e dos mais produtivos da televisão, em qualquer país do mundo: o telejornalismo (HOHLFELDT, 2010).

### **Reflexões teóricas**

Gomes (2011) observa que o telejornalismo é uma construção social no sentido de que se desenvolve numa formação econômica, social, cultural particular e cumpre funções fundamentais nessa formação. E

complementa:

No telejornalismo, o componente da imagem faz muita diferença. A variedade de imagens oferecidas aparece também como um forte apelo para a audiência e, de modo a manter o telespectador preso no fluxo televisivo, no telejornalismo as imagens são estruturadas de acordo com a estética de produção da mercadoria (GOMES, 2011).

Bauman, no livro *Vida para consumo* (2007), fala na “vida agorística”, que tende a ser apressada, pois há a “comoditização” das pessoas, num ritmo de “*fast foods*” que está aí para “proteger a solidão dos consumidores solitários”. Ele observa que a “síndrome consumista” envolve velocidade, excesso e desperdício e assinala que no mundo “líquido-moderno” a lentidão indica a morte social. Nos dias de hoje, a prática gerencial de provocar uma atmosfera de urgência, ou apresentar um estado de coisas como um estado de emergência, é cada vez mais reconhecida como um método bastante eficaz e preferido por muitos executivos de “persuadir os gerenciados a aceitarem placidamente até mesmo as mudanças mais drásticas que atingem no âmago suas ambições e expectativas – ou, na verdade, a sua própria vida” (BAUMAN, 2007).

E, trazendo a questão para o mundo do telejornalismo, ele enfatiza:

De maneira apropriada, os apresentadores preferem dar as notícias sobre a situação política de pé, como se tivessem sido apanhados no meio de algo totalmente diferente ou tendo parado por um momento antes de seguir para algum outro lugar. Sentar-se a uma bancada sugeriria que a notícia tem uma importância mais duradoura do que o pretendido, e uma consequência mais profunda que os consumidores situados na outra extremidade do canal de comunicação de massa, cada qual ocupado com seu próprio negócio, seriam supostamente capazes de suportar (BAUMAN, 2007).

No seu livro *Jornalismo: fonte e opinião*, Sérgio Mattos enfatiza que o jornalismo tem sido influenciado pelas mudanças conjecturais da política e da economia em clima globalizado e pelos avanços tecnológicos que aí estão “a exigir mudanças de atitude, mudanças e adaptações na maneira de produzir e distribuir conteúdos com ética e responsabilidade social” (MATTOS, 2011).

A reflexão crítica sobre teoria e prática do telejornalismo deve ser uma obrigação permanente dos pesquisadores da área. A participação em encontros acadêmicos, publicações e debates precisa ser estimulada e qualificada. Mas só isso não basta. É preciso também atingir as redações de TV, estabelecer um contato profícuo com os profissionais da área, trocando experiências, analisando relatos e estudando a prática diária

do telejornalismo. Teoria e prática são complementares. Academia e redações também. Os profissionais que fazem o dia a dia dos jornalistas e pesquisadores que estudam o tema precisam dialogar; por essa razão tem sido tão crescente e produtiva a chegada ao nosso grupo de profissionais atuantes no mercado de trabalho. E com a reciprocidade desta troca os dois lados saem ganhando, em experiência e prática.

Os desafios são constantes e a disposição de enfrentá-los é crescente. E a Rede de Pesquisadores em Telejornalismo tem se empenhado em encará-los. A televisão é dinâmica em todos os seus processos e a rapidez para identificar, interpretar e analisar seus fenômenos é essencial para o avanço da pesquisa. Entre as metas prioritárias assumidas pelo grupo está a de agilizar todos os processos de análise e interpretação dos dados. Os encontros do grupo devem acontecer – física ou virtualmente – com maior frequência e intensidade. A participação em congressos e seminários deverá continuar forte e determinada. A publicação de artigos em revistas, capítulos e livros também é uma meta permanente a comprometer todos os integrantes da Rede. O sítio da Rede de Pesquisadores em Telejornalismo na *web* ([telejornalismoemquestao.blogspot.com](http://telejornalismoemquestao.blogspot.com)) está em fase final de construção, devendo em breve ficar hospedado no portal da SBPJor. Mas outras providências importantes ainda precisam ser adotadas para abrigar e dar conta da crescente produção acadêmica que decorre do crescimento quantitativo e qualitativo deste grupo. O resultado das pesquisas empíricas e seu impacto nos estudos em telejornalismo, o conhecimento novo sistematizado pelos estudos e as consequências práticas deste avanço científico precisam ser consolidados, medidos e avaliados. São alguns, entre outros tantos, dos desafios a serem enfrentados nas próximas etapas. Mas a ampliação constante e crescente da Rede em quantidade e qualidade nos dá a confiança de que essas metas serão alcançadas, contribuindo para um aprofundamento contínuo da pesquisa científica em Telejornalismo.

## NOTAS

- 1 Beatriz Becker apresentou *Conservação & Transformação: Potencialidades e desafios dos discursos jornalísticos no Brasil contemporâneo*, Iluska Coutinho mostrou *Algumas reflexões sobre as características do telejornalismo e os limites da TV como meio de informação*, Leila Nogueira contribuiu com *Quebrando o espelho: uma análise comparativa do jornalismo nas TVs Uol e UERJ on line* e outros pesquisadores – Betânia

Maria Villas Boas Barreto, Eliana Cristina Paula Tenório de Albuquerque e Anaelson Coelho de Souza – apresentaram um trabalho em conjunto, *Considerações sobre a influência da televisão no pensar, sentir e fazer regional*.

- 2 Esses são os títulos dos artigos e seus autores: Alfredo Vizeu (*Rede Globo Nordeste: as representações sociais de Pernambuco nas notícias do Jornal Nacional*), Beatriz Becker (*Comunicação e Espaço Público: uma reflexão audiovisual sobre o Jornalismo como instrumento de emancipação social*), Iluska Coutinho (*A dramaturgia do telejornalismo regional: um estudo da notícia na TV Panorama*), Célia Mota (*Rio de Janeiro: o voto da desesperança*), Itânia Gomes (*Brincadeira de bandido e mocinho: um exercício de análise do programa Cidade Alerta*), Aline Grego (*Reportagem e edição: um campo de negociações mediado pelo tempo*), Ana Lucia Medeiros Batista (*A mídia e eu: porque é que eu me amarro?*), Betânia Maria Villas Boas Barreto, Rodrigo Bomfim Oliveira e Andréa Alves Moreira (*Telejornalismo e espetáculo: observações sobre a construção do discurso jornalístico regional na TV – estudo de caso no sul da Bahia*). Débora Lopez e Ivo José Dietrich (*A superficialidade nas reportagens apresentadas pelo Jornal Hoje: uma abordagem ducrotiana do telejornalismo brasileiro*), Fabiana Piccinin (*Notícias na TV global: diferenças (ou não) entre o telejornalismo americano e europeu*) e Luis Bittencourt (*Telejornalismo e repique emocional*).
- 3 A comunicação coordenada reuniu os trabalhos de Alfredo Vizeu, Beatriz Becker, Célia Ladeira Mota e Flávio Porcello. Em comunicações individuais foram apresentados os trabalhos de Dalmer Pacheco, Edna de Mello e Silva, Fernando Crócomo, Fernando Arteché Hamilton e Sheila Borges Oliveira.
- 4 A mesa reuniu os trabalhos de Alfredo Vizeu, Beatriz Becker, Célia Ladeira Motta, Iluska Coutinho, Ivana Fechine, Aline Grego, Flávio Porcello, João Carlos Correia e Sean Hagen. Em comunicações individuais sobre telejornalismo foram apresentados trabalhos de Clayton Antonio Santos da Silva, Donesca Calligaro, Fernando Arteché Hamilton, Francine Carolina Gemoski, Francisco Antonio Pereira Filho, Anelise Rotta de Oliveira, Michele Negrini, Rosane da Silva Borges e Yvana Fechine.
- 5 A mesa organizada por Flávio Porcello chamava-se “Olhares sobre o telejornalismo: cotidiano” e reuniu os trabalhos de Alfredo Vizeu, João Carlos Correia, Fabiana Piccinin e Sean Hagen; e a organizada por Iluska Coutinho, denominada “Telejornalismo: diálogos teóricos”, reuniu os trabalhos de Aline Grego, Beatriz Becker, Taísa Gamboa Viana, Célia Mota, Iluska Coutinho e Chistina Musse. As duas coordenadas somaram dez trabalhos.
- 6 Iluska Coutinho coordenou a mesa “Telejornalismo e contemporaneidade:

representação e produção de sentidos públicos”, com os trabalhos de Aline Grego, Beatriz Becker, Célia Mota, Christina Musse, Edna de Mello e Silva, Juliana Gutmann, Jhonatan Mata e Patrícia Magalhães. Flávio Porcello coordenou a mesa “Telejornalismo: um lugar de referência, interpretação de realidade social e relações de confiança”, reunindo os trabalhos de Alfredo Vizeu, Sean Hagen, Sylvia Moretzsohn, Yvana Fachine e Luisa de Abreu e Lima. Em comunicações individuais sobre telejornalismo foram apresentados trabalhos de Águeda Cabral, Cristiane Lindemann, Daniel Barsi, Eloísa Klein, Lourdes Silva, Fabiene Sgorla, Maria Ivete Trevisan Fossá, Lara Linhares Guimarães, Luiza Lusvarghi, Marcelo Träsel, Melina de la Barrera Ayres e Vânia Maria Torres Costa.

- 7 Flávio Porcello coordenou a mesa “Televisão digital: os novos desafios ao telejornalismo”, que reuniu os trabalhos de Alfredo Vizeu, Beatriz Becker, Célia Ladeira Motta, Christina Musse, Iluska Coutinho, Débora Lapa Gadret, Fabiana Cardoso de Siqueira e Mariana Ferraz Musse.
- 8 A publicação reuniu, além dos autores que estavam na mesa, os artigos de Ana Carolina Temer, Águeda Cabral, Bianca Alvin Michele Negrini, Juliana Gutmann, Mila Pernisa e Tatiane Dias Pimentel.
- 9 Sérgio Mattos, Guilherme Jorge de Rezende, Alfredo Vizeu, Fabiana Siqueira, Ana Carolina Temer, Beatriz Becker, Lara Mateus, Célia Ladeira Motta, Christina Musse, Mila Pernisa, Edna de Mello e Silva, Liana Vidigal Rocha, Flávio Porcello, Débora Lapa Gadret, Iluska Coutinho, Jhonatan Mata e Valquíria Kneipp.
- 10 Uma coordenada foi organizada por Edna de Mello e Silva, reunindo os trabalhos dela e de Liana Vidigal (UFT), Fabiana Piccinin (Unisc), Antonio Brasil (UFSC), Valquíria Kneipp e Suely Maciel (UFRN), Michele Negrini (UFPE) e Dione Moura, e Luciane Agnez (UnB), e levou o título “Mudanças estruturais no jornalismo: novas práticas, novos conceitos”. A outra, organizada por Flávio Porcello, teve como título “Linguagens, gêneros e narrativas nos processos editoriais do telejornalismo” e debateu os trabalhos de Iluska Coutinho e Christina Musse (UFJF), Alfredo Vizeu, Heitor Rocha e Tenaflae Lordêlo (UFPE), Flávio Porcello e Débora Bresciani (UFRGS), Beatriz Becker e Lara Mateus (UFRJ), e Fernanda Maurício da Silva (UFBA). Mais 14 trabalhos sobre telejornalismo foram apresentados em comunicações individuais.
- 11 Pesquisa realizada por Jhonatan Mata (UFJF).
- 12 Aprovado em Assembleia Geral no dia seis de novembro de 2006 durante o IV Congresso Nacional realizado em Porto Alegre.

## | BIBLIOGRAFIA

- BAUMAN, Zigmund. **Vida para consumo**. Rio: Zahar Editores, 2007.
- BECKER, Beatriz. **A linguagem do telejornal**. Rio: E-papers, 2005.
- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CHAURAUDEAU, Patrick. **O discurso das mídias**. São Paulo: Editora Contexto, 2007.
- GOMES, Itânia. **Gêneros televisivos e modos de endereçamento no telejornalismo**. Salvador: EdUFBA, 2011.
- HOHLFELDT, Antônio. Introdução. In VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (Orgs.). **60 anos de Telejornalismo no Brasil: História, Análise e Crítica**. Florianópolis Editora Insular, 2010.
- MACHADO, Elias. Um passo decisivo. In VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio e MOTA, Célia Ladeira – **Telejornalismo: A nova praça pública**. Florianópolis: Editora Insular, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Regulamento das Redes de Pesquisa da SBPJor**. IV SBPJor, UFRGS, Porto Alegre, 2006.
- MARQUES DE MELO, Prefácio. In VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (Orgs.). **60 anos de Telejornalismo no Brasil: História, Análise e Crítica**. Florianópolis Editora Insular, 2010.
- MATTOS, Sérgio. **Jornalismo – Fonte e Opinião**. Salvador: Quarteto Editora, 2011.
- MEDITSCH, Eduardo. A tela feito praça. In VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio e MOTA, Célia Ladeira (Orgs.). **Telejornalismo: a nova praça pública**. Florianópolis: Editora Insular, 2006.
- THOMPSON, John B. **O escândalo político**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- VIZEU, Alfredo (Org.). **A Sociedade do Telejornalismo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.
- VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (Orgs.). **40 anos de Telejornalismo em rede nacional: Olhares Críticos**. Florianópolis: Editora Insular, 2009.
- \_\_\_\_\_. **60 anos de Telejornalismo no Brasil: História, Análise e Crítica**. Florianópolis: Editora Insular, 2010.

**Flávio Antônio Camargo Porcello** é jornalista, Mestre e Doutor em Comunicação Social, Professor adjunto e membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação (Ppgcom) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), onde realiza pesquisas e orienta trabalhos acadêmicos com ênfase no telejornalismo. É coordenador da Rede Internacional de Pesquisadores em Telejornalismo da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor). E-mail: flavio.porcello@ufrgs.br